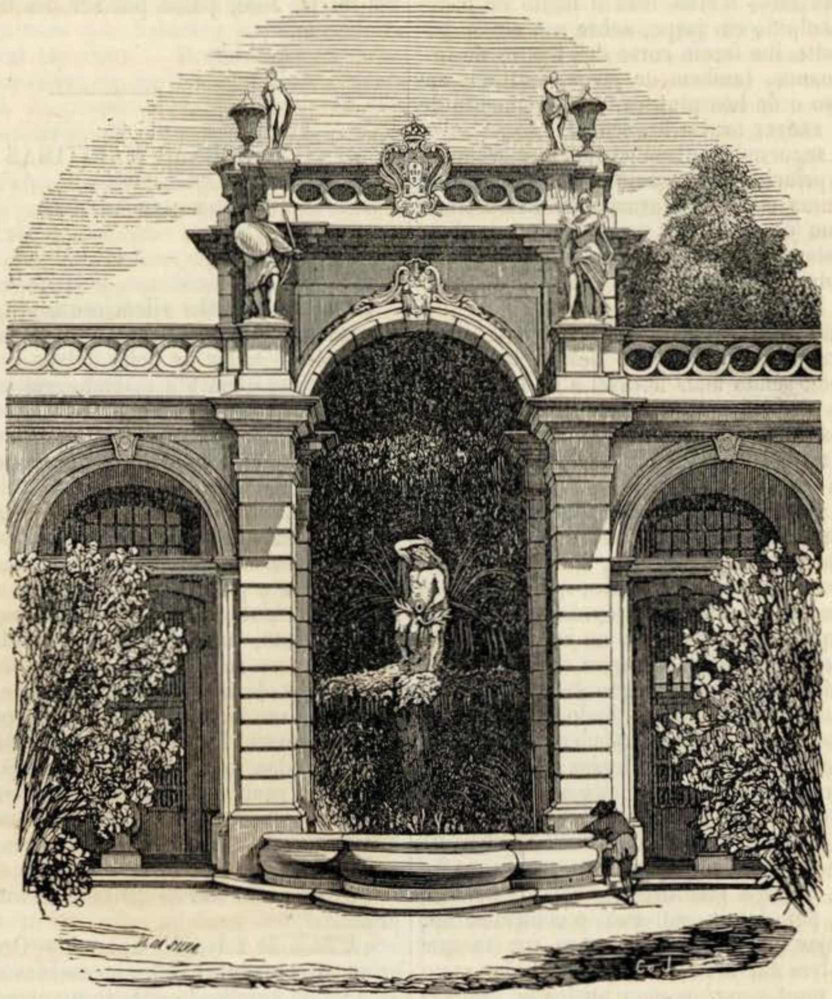


Cascata da real quinta de Belem — Desenho de Nogueira da Silva

Se exceptuarmos os paços da Ribeira, edificados por el-rei D. Manuel, nunca os monarchas portuguezes tiveram residencia verdadeiramente regia na capital de seus estados. Proveiu isto de nem sempre estar a corte em Lisboa, porque d'antes era por vezes insalubre e apestada a cidade.

D. João v, que teve grande tendencia para edificações sumptuosas, projectou fazer um palacio real, para o que, em 1719, mandou tirar uma planta exacta de Lisboa, convocando uma junta de fidalgos, padres, medicos e architectos, para discutir com elles, se o paço continuaria, mais ampliado, na Ribeira, onde estava, ou se edificaria outro em Buenos-Ayres, no ponto eminente á ribeira de Alcantara. Os medicos opinaram que o palacio á beiramar era insalubre, por causa da humidade e maresia. D'este voto foram alguns fidalgos da junta, taes como o marquez de Alegrete, os condes de Aveiras, de Unhão, da Ericeira, de Valladares e de S. Lourenço, assim como os architectos Ludovici e Ibarra, opinando por que o palacio se fizesse em Buenos Ayres. Votaram, porém, que se alargasse o da Ribeira para o Terreiro do Paço, o marquez de Abrantes, o das Minas, o conde de Assumar, o padre D. Manuel Caetano de Sousa, e monsegnor Berger. Á vista de tão contrarios pareceres, o rei desistiu do seu intento.

Mas como D. João v não podia reinar sem trazer obras, passados poucos annos, em 1726, comprou ao conde de Aveiras, por 200 mil cruzados, o bello palacio e jardim que elle tinha no largo de Belem, para alli fazer residencia real durante o verão. Comprou depois ao conde de S. Lourenço um palacete e quinta que este possuia para o lado da calçada da Ajuda. Com estas propriedades, e mais algumas casas circumvisinhas, formou o palacio real e quinta de Belem.

Não lhe alterou o prospecto, aliás acanhado, mas augmentou os jardins, guarneceu uns de gradarias, outros de balaustradas de marmore, ornou-os de estatuas, vasos, tanques e repuxos.

A frontaria d'este palacio fica no fundo do antigo e espaçoso largo de Belem, que actualmente se denomina praça de D. Fernando. Olha desaffrontadamente para o Tejo, que alli tem um excellente cáes mandado fazer por el-rei D. José.

O portico da entrada váe dar a um pateo, que d'antes se chamava dos *bichos*, por estar rodeado de jaulas onde se recolhiam as feras que os governadores do ultramar mandavam ao rei. Ha muito que as jaulas estão devoluto. Precede a entrada do palacio um pequeno vestibulo, d'onde se sobe por dois lanços de escada a uma galeria de janellas. D'aqui se passa a uma grande sala, por um portal de pe-

dra, entre quatro janellas rasgadas, com balaustres de marmore. No topo d'esta sala estão duas fontes de marmore, que brotam perennemente grande porção d'agua. No meio d'ellas está o busto de el-rei D. João v, esculpido em jaspe, sobre um airoso pedestal. Em volta lhe fazem corte dez bustos de imperadores romanos, tambem de jaspe, mettidos em nichos. O tecto é de boa pintura, e o pavimento de marmore, em xadrez azul e branco

A esta sala seguem-se outras muitas que occupam toda a frente principal do palacio, com janellas que deitam para uma espaçosa varanda de balaustrada marmórea, com escadaria de pedra para o jardim. Estas salas estavam adornadas com a preciosa collecção de quadros que foram para o Rio de Janeiro, quando el-rei D. João lá residia.

No jardim de baixo, que tem varanda para a praça de D. Fernando, ou largo de Belem, ha varias salas de recreio, sendo mais notavel a do meio, com quatro portas de vidraça, que dão communicação para ambos os lados do jardim. É toda estucada de relêvo, tendo na parede do fundo uma fonte de marmore com sua estatua.

Deixemos, porém, o muito que podéramos descrever e contar d'esta deliciosa vivenda, para darmos noticia da cascata e hospicio, chamado da Arrabida, existente n'este real palacio, que é o que a nossa primeira estampa de hoje representa.

No jardim que fica sobranceiro ao já citado pateo dos bichos, ha um lago de marmore com seu repuxo, e no fundo um grande aviario decorado de pilastras, estatuas, vasos e fontes, tudo de marmore.

No meio do lago está uma linda cascata, com a figura de Hercules decepando a hydra de sete cabeças, de estatura colossal, cinzelada em marmore.

Na frente, e para o lado occidental, prolonga-se um terraço lageado com sua balaustrada, e duas escadas que descem para a quinta, entre as quaes ha outra cascata. Para o lado oriental corre uma aléa de arvores, e por detrás, em todo o comprimento, uma casa, cujas janellas caiam sobre um tanque que banhava tres faces da casa, e as paredes eram revestidas de muitos nichos com bustos de imperadores e imperatrizes de Roma, todos de fino marmore de Carrara. O tanque que rodeava esta casa, foi removido para sitio mais distante, e por essa occasião se fizeram outras que taes innovações.

Esta casa, quasi fluvial, no tempo do primeiro possuidor da quinta de Belem, o conde de Aveiras, João da Silva Tello, foi feita para hospicio dos frades da Arrabida, quando vinham a Lisboa, e lhe pediam agasalho. Tinha sua ermida, seis cellas e refeitorio. Quando D. João v comprou a quinta, fechou o hospicio, e deu-lhe nova fórma, mas sempre se lhe ficou chamando «Arrabida».

N'esta real quinta, entre muitas estatuas insignificantes, ha dois grupos que merecem especial menção.

Um representa a Caridade Romana, na figura de uma joven matrona, dando de mammar a seu pae, já muito velhinho, mettido n'uma prisão, e de mãos atadas. Tem no plintho a seguinte subscripção do esculptor: *Bernardim Ludovici, romano.* 1737.

O outro grupo representa a rainha Dido expirando nos braços de sua irmã. Tem no plintho a seguinte subscripção: *Joseph Mazzuoli, senense fecit. Roma, anno* 1737.

Ambos vieram de Roma, e são de marmore de Carrara.

Este palacio é destinado para hospedar os principes estrangeiros que visitam Lisboa, e para os bailes e jantares da corte.

Para o beijamão, jantar e bailes do consorcio de S. M. El-rei D. Pedro v, que Deus guarde, se fizeram n'este paço grandes obras, e se abriu uma nova serventia, para as carruagens, na calçada da Ajuda.

O picadeiro que pertence a este palacio, obra del-rei D. José, passa por ser dos melhores que se conhecem.

SCENAS MARITIMAS

HOMEM AO MAR!

I

O navio caminha silenciosamente, impellido por branda aragem. As gaveas e joanetes vão em cheio, ufanando-se todas as velas, alvas e lisas, sobre os mastros, em quanto a marinhagem váe amurando o pesado traquete.

O navio váe ao largo. Os cutellos, ainda que mais pequenos, dão tambem valente impulso ao baixel. A vela grande, carregada a estibordo, parece querer rebellar-se contra a escota que a sustem, e invejar ás velas de proa a brisa que o official de quarto lhes liberalisa em detrimento d'ella, proferindo unicamente a palavra «arriba!»

É hora de descanço para a guarnição... Da gente de quarto, uns estão deitados pela tolda, outros revolvem na imaginação ardente de marinheiros, lembranças do que lá váe, mas que lhes deixaram como que um traço indelevel, quer por tristes, quer por agradaveis. É no alto mar, a sós com o ceo e com a solidão, que se sentem as mais vivazes e mais pungentes saudades do passado. Outra parte da gente fuma nos seus cachimbos de escuma do mar, debruçada na amurada; finalmente, outra parte dorme, vencida do cançaço e do calor.

«*Homem ao mar!*» grita uma voz da gavea de proa.

«A boia de salvação ao mar. — Orça! Arria o escaler de sotavento! — Larga escotas de papa-figos e amuras de cutellos! — Mette a varredoura dentro!»

E estas ordens, expedidas pela voz em grita do official de quarto, fazem reinar a maior actividade n'aquella mesma tolda em que, pouco antes, só se ouvia o rugido da proa fendendo as aguas.

Immediatamente o homem do leme atira ao mar a boia de cortiça, com um galhardete vermelho, e os marinheiros saltam para o escaler, põem-se dois a cada remo, um aspirante desce a elle pelas talhas, e o escaler, assim equipado, parte como uma setta direito á boia de salvação, a que já o homem, luctando com as ondas, se tem agarrado. O navio orçou a fim de poder tocar em vento á espera do escaler; todos os oculos de bordo, dirigidos para elle, vêem-n'o em pouco tempo caminhar para o navio, conduzindo o marinheiro ainda atordoado pela quéda, mas disposto a aquecer o estomago com uma boa dóse de aguardente.

II

O navio, batido pelo mar, joga violentamente de popa á proa, sacudindo a mastreação com medonho esforço. O vento é de rajadas, e augmenta cada vez mais. As ondas, a principio curtas, mas valentes, crescem a pouco e pouco, e as suas cristas espumantes são arrastadas em brancos turbilhões pelas fortes refegas... O horisonte escurece... Tudo presagia um grande temporal! O official de quarto manda metter as gaveas nos terceiros e ferrar papa-figos. Está tudo a postos...

— «Homem ao mar!» — gritam de uma gavea...

— «Boia ao mar!» — responde o official.

Depois segue-se a esta primeira ordem um momento terrivel... um momento de hesitação... um momento, em fim, de calculo de vida e morte para o infeliz marinheiro que baldeára ao mar debaixo de um temporal tão rijo!... Dever-se-hão arriscar dez homens por causa de um? A compaixão inspira o joven official. Ha possibilidade de bom exito, mas ainda maior probabilidade de o não haver! A compaixão vence.

— «Orça! Folga a escota da polaca! — Arria gaveas sobre as pêgas! — Arria o escaler de sotavento!»

E não obstante o mar estar temivel e ameaçador, os mais intrepidos marinheiros disputam-se a gloria de serem os primeiros a guarnecer a embarcação... Porém os aspirantes, o mestre e os guardiões os precedem, e conduzem velozmente o escaler, que, tão fraco e delicado, se atreve a desafiar a furia indomavel das ondas, para salvar um desgraçado.... E parece, a principio, que a fortuna vae coroar com bom exito o valor d'estes homens... Impellido de onda em onda, o escaler consegue salvar o náufrago; depois rema victorioso para bordo do navio, que o espera insoffrido... Mas ha um momento critico para o desventurado escaler; não podendo elle apresentar sempre a prôa ás ondas, atravessa-se ao mar, offerecendo assim ás vagas o debil costado!... De repente uma onda formidavel o apanha de través, vira-o, rola-o sobre si, duas ou tres vezes, com todos os animosos desgraçados que o tripulam, e depois... engole-o na sua voragem, deixando á flor d'agua quasi todos os pobres náufragos!...

O navio está perto, e vê-os debaterem-se, luctarem com animo contra a morte certa, levantarem as mãos ao ceo, como ultimo refugio... Está perto, e nada póde fazer para os salvar! Está quasi junto a elles, e não sem custo consegue o commandante conter o ardor dos officiaes e dos marinheiros, que ainda querem, por um bello esforço de valor, voar em soccorro dos seus infelizes companheiros!

Dez homens por causa de um! Lição terrivel que bem comprehende o coração dilacerado do official responsavel, ainda mesmo quando tem, para satisfazer a sua consciencia, a desculpa da possibilidade de bom exito!... Dez homens por causa de um? Basta...

E o impassivel navio segue a sua derrota, vendo submergirem-se no abysmo todos aquelles seus tripulantes!

III

Acossado por um pavoroso temporal, o navio capeia com o traquete e com a rebeca. Agua, ceo e terra, intimamente confundidos, apresentam á vista do observador o aspecto de um vasto e denso véo negro, onde apenas brilha, de tempos a tempos, a escuma phosphorescente das ondas... O balanço de bombordo a estibordo é horrivel... As lanchas que estão collocadas na tolda a custo se podem suster no balanço, ainda que atracadas com fortes peias e estralheiras. As balas das peças saltam fóra das chaleiras, e rolam pela tolda e pelas cobertas, misturando o seu rugido assustador com o estalido dos taboados da amurada, e com os assovios do vento pelos cabos, e com as pancadas desencontradas da gavea grande de encontro ao mastaréo. Os mais valentes marinheiros tentam metter a gavea nos terceiros, custando-lhes isso trabalho aturado e arriscado.

— «Homem ao mar!» — grita um marinheiro do lais da gavea... Mas o vento está tão rijo, que o proprio aspirante que está no cesto de gavea não póde ouvir este grito de compaixão, apesar de se ter já por vezes repetido...

A final, de bocca em bocca, de ouvido em ouvido, os marinheiros da gavea conseguem fazer-se perceber... Immediatamente o aspirante começa a gritar para o official de quarto: — «Homem ao mar!» Nada... O aspirante, por fim, já parece que uiva este grito de desespero, fazendo das mãos porta-voz. O official de quarto, em fim, ouve-o, e um movimento convulso lhe contrahe por algum tempo os musculos... Olha para cima e grita: «Bem... Silencio!»

E estas duas unicas palavras são o *requiem* e o *epitaphio* do desgraçado marinheiro.

C.

CONVENTO DE JESUS DE SETUBAL

(Vid. pag. 65)

II

Do manuscripto citado no artigo antecedente, que é o codice *B*, 3 — 60 da bibliotheca nacional de Lisboa, vamos extractar a resumida historia da fundação d'este convento, com a indicação das preciosidades que ainda hoje possue, dos bons tempos del-rei D. Manuel. Com a historia do convento vem á mistura outras curiosas d'aquelle tempo, como, por exemplo, a queima de mais de *um milhão de livros* arabes, que mandou fazer em Oran o celebre cardeal Ximenes, regente de Hespanha durante a menoridade de Carlos V.

«No anno de 1500, seguindo mestre Boutaca as obras do convento, conforme o debuxo que sonhára em Italia, como já n'elle estavam algumas religiosas, ordenavam ellas a seu gosto as officinas, com muita consolação da fundadora, a qual n'este tempo residia na cidade de Lisboa, por el-rei D. Manuel ahi assistir, estando aposentada no circuito do convento de Santa Clara para de mais perto haver as esmolas del-rei, e mais os privilegios, alvarás e mercês que lhe apontava. N'este anno deu el-rei um alvará, em que mandou ás justiças da terra não consentissem levantarem-se casas, por nenhum modo, defronte, nem ao redor d'este convento; alvará que está assignado por elle e por seu successor, que o confirmou com os mais.

«E assim deu el-rei um sino grande dos bons que ha no reino, com os nomes de Jesus e Maria n'elle esculpidos, e outro menor; campainhas grandes e pequenas para o uso da egreja e convento, ornamentos ricos, e muitos de varias sedas e guarnições; a opa de rico bordado e imaginaria com que foi levantado rei, de que ainda hoje estão guarnecidos dois ornamentos; assim deu os vasos de prata dourados para os altares, cofres de tartaruga e da China, chapeados de prata, para o sacrario, e outros em que estão corporaes e sanguinhos.

«Deu mais tapeçarias, alcatifas e outras peças, com muitas perolas e aljofres, com que se ornaram patenas e bolsas; e tambem mui ricos retabulos, que juntos com os que deu a rainha D. Leonor, sua irmã, se fez o da capella-mór, uma das formosas peças que se podem ver, por serem assim ricos como devotos, mandados de presente pelo imperador Maximiliano, primo dos ditos rei e rainha. Deram tambem notaveis reliquias, e uma riquissima cruz em que estão muitas, como adiante se verá.

«A nossa fundadora, entre os negocios do convento, ordenava tambem os de seus filhos, de modo que, acabados os de Martha, podesse com quietação entregar-se aos de Maria, como ao diante se verá. Da cidade de Lisboa, onde permanecia, avisava as religiosas e o procurador de fóra sobre o que era

necessario, entregando-lhe as esmolas de dinheiro, e as mais que el-rei dava para a sustentação e necessidades das freiras e convento. Escreveu para esta villa a um fidalgo, pedindo-lhe quizesse ser seu procurador, o que elle acceitou com muito gosto; e indo logo a Lisboa, se lhe fez procuração, na qual a fundadora lhe deu seu poder e auctoridade, para n'esta villa comprar e traspassar certas fazendas ao hospital de Nossa Senhora da Annunciada, ficando livre um pedaço de terra ao redor d'este convento. E assim deu mais o foro d'outra vinha, com que rematou os foros que ao hospital tinha comprado, e d'estas fazendas se fizeram escripturas publicas, que no nosso cartorio estão; assim como uma doação que fez mestre Gil, cirurgião-mór do reino, com licença del-rei, em que deu um pedaço de terra que eguala com a que a fundadora comprou. Foi feita esta doação em 29 de abril de 1503. Junto a estas escripturas está outra, porque consta ter o procurador do convento tomado posse pacificamente das ditas terras e chão.

«N'este tempo morreu o papa Alexandre VI, a quem succedeu Julio II. O nosso rei mandou logo dar-lhe a obediencia por seu embaixador D. Diogo de Souza; e entre as coisas que impetrava para bem de seu reino, pediu tambem para este convento, a instancias da fundadora, um breve em que confirmasse os que tinham dado Innocencio VIII e Alexandre VI, e assim o declara com o mais que se segue, e é, que nunca o convento possa ser de frades nem de freiras de outra regra e profissão, mas sempre das senhoras pobres de Santa Clara, guardando a primeira regra com que foram fundadas pelas de Gandia, cidade de Valença; e que não passe o numero de trinta e tres, procurando sempre irem de bem em melhor, na guarda das ditas coisas e de sua profissão, e que havendo logar despejado e parenta da linha da fundadora, que queira entrar n'elle, se lhe dê primeiro que a outra; e que a capella de baixo do altar-mór seja a de D. João Manuel, filho da fundadora, e para seus filhos e netos, não sepultando a outros n'ella; e que a seu filho D. Nuno Manuel na mesma fórma concede outra capella, que elle faria defronte do altar maior, debaixo do coro e tribuna, chegando a altura até ella, e largura da mesma egreja. Assim lh'o concedeu o papa, declarando ter ella gastado *dez mil cruzados* de sua fazenda e seus filhos, adquirindo dos reis e padroeiros muitos mais; e que a instancia del-rei D. Manuel concede todas estas coisas, e as confirma para sempre, dando tambem licença ao mesmo rei e á rainha D. Maria, sua mulher, para entrarem no convento alguns dias no anno. Foi dado o breve ás tres calendas de maio de 1505. Está no convento em pergaminho.

«No tempo d'este rei e papa, se tomou a cidade de Orão aos moiros, pelo rei de Castella D. Fernando, pae da mesma rainha D. Maria nossa padroeira, governando em seu logar D. Francisco Ximenes de Cisneiros, religioso da nossa seraphica ordem, cardeal de Hespanha e arcebispo de Toledo, chanceller-mór de Castella, inquisidor-mór d'ella, e reformador de todas as religiões, por ordem do mesmo papa Julio II; o que fez com summa satisfação, assim do mesmo papa, como dos reis christãos. Em Granada converteu á santa fé, elle e outros frades da nossa religião, tanto numero de moiros, que não tinham mãos a baptisar, e pelas do arcebispo foram quatro mil. Queimou *um milhão e cinco mil livros* mahometanos; edificou á sua custa grande quantidade de egrejas, conventos, collegios, e seminarios. E para a armada de Orão offereceu gastos e pessoa. Ordenou duzentas villas no anno de 1509, e logo viu no ceo, em signal de victoria, a insignia da santa vera cruz, e a tornou a ver estando o arraial apparelhado para a batalha, e elle a cavallo, vestido de pontifical sobre o habito, e assim iam os mais religiosos revestidos, com espadas cingidas, cruz levantada, e estandarte com ella, tendo de uma parte e da outra as armas do santo arcebispo, cuja pratica, de espirito e valor, animou os soldados a commetter tão grande empreza, entoando primeiro: *Vexilla regis prodeunt*. Houveram victoria, que foi das maiores do mundo acontecidas, pois morrendo só trinta christãos, mataram passante de quatro mil moiros, e captivaram oito mil. Em quanto durou a batalha, esteve o nosso arcebispo no campo com as mãos levantadas em oração, pedindo victoria, e com ella entraram pela cidade de Orão os frades com cruz levantada cantando o hymno — *Te Deum laudamus*. O povo deitava pelas ruas ramos e palmas com palavras de louvor ao arcebispo, ao que elle respondeu: *Non nobis, Domine, non nobis, sed nomine tuo da gloriam*. O alcaide lhe deu em paz as chaves da cidade, e trezentos christãos que estavam captivos.»

Os quadros vindos de Allemanha, n'este manuscripto mencionados, ainda se conservam no mosteiro, como verificou o conde Raczynski em 1844, segundo elle refere no seu importante livro *Les arts en Portugal*.

Estes quadros, em numero de 17, são dos attribuidos ao celebre pintor Gran-Vasco; porém o citado conde, por alguns annos ministro da Prussia junto á corte de Lisboa, e que os foi examinar a Setubal, com quanto se não julgasse habilitado para os capitular como taes, faz d'elles tanto apreço, que aponta esta collecção por uma das mais preciosas que elle viu em Portugal de quadros originaes, e designa o auctor d'elles, na classificação que fez de diversos artistas e epochas, pela selecção de *peintre des tableaux de Setubal*.

A lista que nos dá d'estes 17 quadros é a seguinte, coisa que nenhum portuguez tinha feito antes d'elle.

1. S. Francisco recebendo as Chagas — 2. Annunciação de Nossa Senhora — 3. O nascimento de Christo — 4. A Circumcisão — 5. A adoração dos Reis — 6. A santa Veronica — 7. Jesus crucificado — 8. O Calvario — 9. A Assumpção de Nossa Senhora — 10. O santo Sepulchro — 11. A Resurreição — 12. Santas religiosas — 13. Santos martyres — 14. Santo Antonio — 15. A Ascensão. E mais dois quadrinhos representando a Prisão de Christo, e a Flagellação.

«On dit (conclue o conde Raczynski) que ces tableaux sont l'ouvrage de Gran-Vasco, mais il n'y a aucun document que le prouve, cependant on sait positivement que ces tableaux ont été donnés à ce couvent par les rois qui en furent les patrons, Dom João II et Dom Manuel.»

Hoje que o novo caminho de ferro do sul nos leva de Lisboa a Setubal em tão poucos minutos, devem ser mui agradaveis aos que prezam as nossas antiguidades, e amam as artes, estas e outras noticias dos monumentos e sitios que dão nome á novissima cidade, patria do nosso Bocage.

O CAMELO

SUA ACLIMAÇÃO NO BRASIL

Porque será que os dois brutos mais pacientes e mais uteis ao homem, os que lhe transportam as cargas mais pesadas, o burro e o camelo, foram escolhidos para typo da estupidez, e simile injurioso para chascos e improperios?

Pois não ha animaes ainda mais estolidos e casmurros?

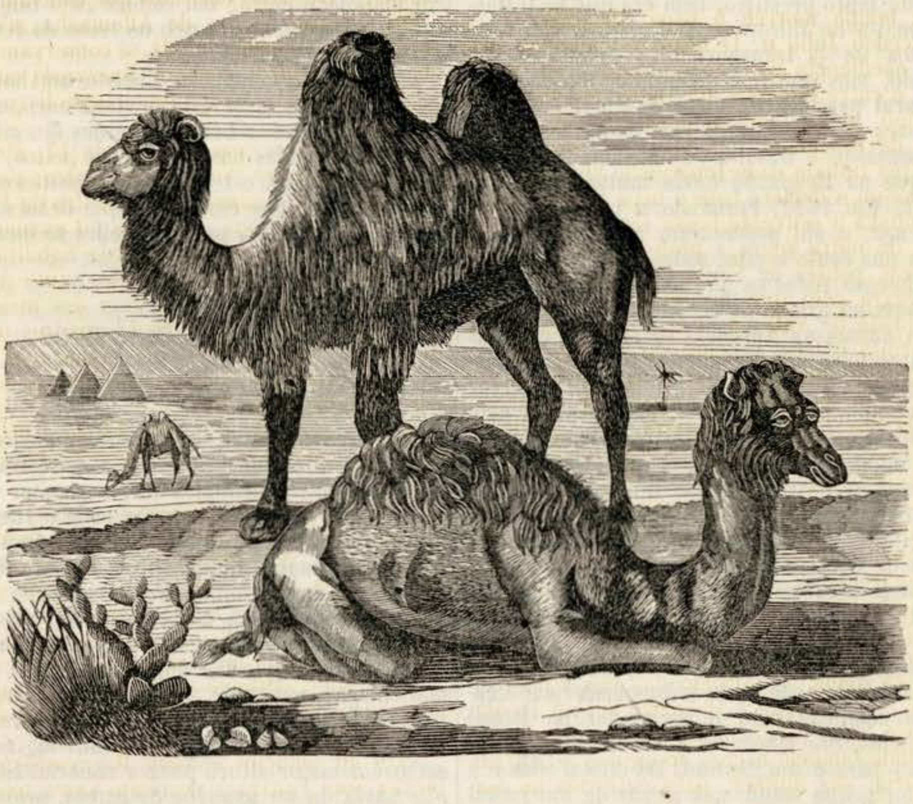
Foi de certo a figura desairosa e tristonha d'estes dois prestantes animaes, que lhes acarretou este labéo.

Os mahometanos, porém, desaffrontam o burro e o camelo da injuria que nós lhes fazemos, porque tem muita contemplação com o burro, por haver sido a cavalgadura de que o filho de Deus se serviu quando andou por este mundo; e escolhem o camelo para ir levar todos os annos a Meca, sobre o seu lombo giboso, a biblia turca, o alcorão, com as mais offertas que ao templo de Mafoma faz o grão-senhor. Váe o camelo para esta romaria ricamente ajaezado, coberto de capellas de flor, e feita a jornada fica isento de trabalhar todo o resto da sua vida. Além d'isto, os turcos, por preceito religioso, tem uma especie de veneração pelo camelo, e crêem que é peccado mortal pôr-lhe grandes cargas, ou fazel-o trabalhar mais que um cavallo. Apesar d'este preceito, mr. Caillaud, que em 1820 acompanhou uma expedição commandada por Ismael-Pachá, na curiosa relação que publicou d'esta jornada, refere que os cameleiros, ou arrieiros dos camelos, lhes davam muitos maus tractos, a ponto que alguns ficaram pelo caminho mortos de cançaço e bordoada.

Ha duas especies de camelos; a dos que tem uma só giba ou corcova no lombo, e lhes chamam dormedarios, e a dos que tem duas gibas, e lhes chamam bactrianos. Ambas estas especies representa a nossa gravura.

Os povos orientaes devem ao camelo as suas communicações e transportes, porque sem este valente e laborioso animal, os desertos da Arabia, e os areaes da Africa, seriam totalmente impraticaveis.

O Creador da natureza deu-lhes uma estructura



O camelo

adequada ao solo e clima d'aquellas regiões, porque o piso da arêa solta fôra impossivel para animaes de casco e unha, por isso a pata do camelo é coberta e revestida de uma pelle calosa e flexivel, que lhe facilita andar desembaraçado pelos areaes movediços, e tambem pelos trilhos escabrosos.

O camelo arabe ou dromedario é quasi exclusivamente dos climas temperados da Asia, e o que empregam geralmente no Thibet, na Persia, na Tartaria, e n'uns territorios do imperio da Russia.

Nas campanhas militares dos afghans, persas, arabes, e dos turcos da Asia e do Egypto, os dromedarios tiveram uma parte importantissima. Eram elles os conductores não só das bagagens, viveres e munições, mas tambem da artilheria. Os persas tem sido, por assim dizer, mais de uma vez, devedores aos camelos das victorias alcançadas sobre os turcos; e tambem na batalha de Goul-Nabat, que os afghans ganharam aos persas em 1722, foram os camelos que serviram de carreta ás bocas de fogo. As peças iam montadas na sella dos dromedarios, movidas por um quicio; o artilheiro cavalgava no camelo, e quando queria fazer pontaria, obrigava-o a ajoelhar, e dava fogo á peça.

O camelo póde facilmente com uma carga de 400 a 500 kilogrammas (28 a 35 arrobas) e andar n'uma só jornada 150 a 200 kilometros (30 a 40 legoas).

Para receber a carga ajoelha obedientemente, e quando sente sobre si o peso que póde supportar, ergue-se contente e ufano de transportar tão avultada carga d'alli a 100 ou 200 legoas, ás vezes!, sem necessidade de chicote ou aguilhão que o incite, como necessitam quasi todas as bestas de arriaria. Se esmorece no caminho, basta uma cantiga do arabe, seu guia, para o reanimar.

Tem ainda outro predicado, que é comer de tudo, e pouco. Um pão de cevada, um punhado de favas

ou tamaras, sustenta um camelo todo o dia. Não ha pasto que rejeite, seja feno, relva, cardos, ou estevas, tudo come e lhe sabe bem. Se não ha que comer, póde estar uma semana em jejum, que não morre. Como todos os ruminantes, tem quatro estomagos, e de mais a mais um reservatorio ou cisterna para depositar a agua de que necessita para o transito de tão aridos desertos, em que ella raramente apparece.

Não tem o camelo sómente prestimo para besta de carga e de cavallaria; mas para servir nos exercitos dos povos orientaes, e nos dos europeus quando a tem feito na Asia e na Africa; dá leite de que se fazem excellentes queijos; a carne serve de alimento como a de vacca; a pelle emprega-se em muitos usos, e sobretudo a sua lã serve para tecidos de grande preço. Os chales de cachemira, e os albornozes, já usados hoje pelas damas da Europa, depois que os francezes os manufacturam nas fabricas de Argel, são da finissima lã do camelo.

Animal de tanto prestimo, bem era que se tratasse de aclimal-o na Europa e na America. Em tempos remotos foi já transportado o camelo para o novo mundo, mas sem bom resultado. Buffon, com a sua natural perspicacia, disse que mandando vir estes animaes para a Europa com os arabes costumados a pensal-os e tratal-os, se haviam de naturalisar, porque na Hespanha havia muitos no tempo dos moiros. Em 1622, Fernando II mandou-os vir para Florença, e ahi procrearam a ponto que em 1789 havia uns cento e oito, todos nascidos em Italia. Actualmente todos os que ha pertencem ao estado, e vivem na granja de S. Rossore.

Hoje em ambas as Americas se fazem tentativas perseverantes para alli aclimar o camelo, o dromedario principalmente.

S. M. o imperador do Brasil, cujo desvelo pelo engrandecimento, prosperidade e civilisação do seu riquissimo imperio, não é excedido, nem talvez egualado por nenhum outro soberano reinante, escreveu ultimamente á sociedade de aclimação, em Paris, para que ella se encarregasse de lhe enviar um certo numero de dromedarios. A sociedade de aclimação, annuindo gostosamente a este honroso convite de S. M. I., encarregou a um dos seus mais activos e competentes socios, mr. Richard, esta incumbencia, para desempenho da qual elle se dirigiu logo a Boghar (Tartaria), onde ha as tribus mais ricas d'este gado, e comprou para o imperador do Brasil quinze camelos, dez machos e cinco femeas, que já embarcaram para o seu destino. De dois d'elles é a nossa estampa, que mandámos copiar de um jornal de Paris.

Em 1844, a mui emprehendedora e laboriosa casa commercial dos srs. Ferreiras Pintos Bastos mandou vir um casal de camelos, para S.to Amaro, que não chegou a procrear, e cremos que ambos morreram dentro de pouco tempo.

Não encerraremos esta noticia, sem transcrever o que resumidamente diz um dos nossos escriptores classicos, o padre Manuel Godinho, no seu itinerario da India por mar e terra em 1663:

«Os camelos são animaes accommodados para levar grande carga, e tolerar jornadas longas pelos areaes desertos do Egypto e Arabia, porque não perdem o tino, ainda que o rastro da estrada se revolva e confunda com os ventos, e soffrem a sêde por quatro e cinco dias (e ainda mais os de Africa, que são mais robustos). A sua carga justa, dizem que são 30 arrobas, e caminha com grande velocidade, por serem os passos largos, conforme os pés são altos. Especialmente os da especie que chamam dromades ou dromedarios, é tal a sua velocidade (como o mesmo nome grego indica, porque *dromos* quer dizer ligeireza) que vencem por dia 30 legoas. Porque se visse que o principal officio d'este animal em serviço do homem é levar cargas, lhe poz a natureza por signatura um ou dois gibos, ou corcovas nas costas, com que o peso o moleste menos, e decline de uma e outra parte sobre os pés e mãos que o hão de levar; e outro debaixo do peito, sobre o qual se deita ao tomar ou depor a carga; e tanto que sente em cima a com que póde, se levanta e não quer mais; para que se veja, que se o homem toma peso de obrigações sobre o que suas forças ou talentos alcançam, é mais nescio que um camelo.»

O padre Manuel Bernardes, alludindo áquelle passo da Escriptura, quando um moço opulento de Jerusalem perguntou a Christo: *Mestre, que obras boas farei n'esta vida para alcançar a eterna?* e Jesus lhe respondeu: *Vende toda a tua fazenda, e o que te derem por ella reparte com os pobres, e depois segue-me.* Achando o rapaz esta sentença mui severa, o Senhor lh'a explicou, accrescentando que era mais facil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha, que entrar um rico no reino do ceo. Bernardes explica d'esta maneira:

«Ao camelo comparou Christo um homem rico. Se inquirirmos onde está a similhança, respondem os auctores, que os bens temporaes são gibas que os ricos tem pegadas nas costas, nos peitos, nas costas como carga para o trabalho, nos peitos como presa para o amor; nas costas, porque debaixo dos bens gemem; nos peitos, porque a elles se incurvam.»

MODELOS CLASSICOS

O TRABALHO

«Ou seja de mãos ou do entendimento, nasce o homem para o trabalho, como a ave para o vôo.

Nasce para trabalhar o rei, e é maior trabalho o sceptro que o cajado, porque póde o rustico depor o arado, o soldado a espada, o escrivão a penna, só não póde tomar o somno sobre a ponta de um bastão agudo, aquelle olho sempre vigilante, em que figuravam os egypcios a obrigação dos reis

Nasce para trabalhar o principe, o grande e o ministro, e ainda que lhe fingisse a fortuna o trabalho mais alegre, não póde desmentir-lhe a fadiga e desvelo com que devem, como atalaias sobre a campanha, estar de accordo para a cautela, assim como estão em maior altura para a maioria. Só a Pedro, que havia de ser principe da egreja, grande do ceo, e ministro do evangelho, perguntou Christo se dormia nas afflicções do Horto; não o perguntou ao evangelista, que o amava tanto, com ser condição do amor o não dormir muito; d'onde se deixa ver, que é mais desculpavel o descuido e descanço no amor que no ministerio.

Nasce para trabalhar o prelado ecclesiastico, secular ou religioso, porque havendo de ser piloto da nau da diocese ou da religião, que cruza ondas inquietas, com ceo turbado, ventos contrarios e noites escuras, necessario é não dormir, antes estar álerta e ver de longe as tempestades, por não arriscar, com um só descuido, a que se percam todos em naufragio miseravel, no mar do mundo, que se incha por soberba, escuma por lascivia, brada por indignação, e se move com qualquer vento que o desinquiete.

Nasce para o trabalho o general, o cabo, o soldado, porque em vida que é guerra, ha de ser morte qualquer descanço que do seu poder se fia.

Nasce, em fim, para trabalhar o nobre e o plebeu, plebéa ou nobremente; e em se furtando a natureza a esta pensão do peccado, logo os ocios a

entregam á maior servidão, que é a do vicio. Ainda Eva no paraiso não havia viciado a natureza, com a culpa da desobediencia a Deus, e por isso a não ligava ainda a pensão de trabalhar; comtudo, porque se poz a conversar com o demonio, fez incorrer a todo o mundo na escravidão da culpa, causa do trabalho do homem.»

FR. ANTONIO DAS CHAGAS

A CASA DOS BICOS

(Vid. pag. 86)

III

Ficou já respondido o primeiro quesito, no capitulo antecedente, com documentos irrefragaveis, pelos quaes demonstrámos que a casa dos Bicos fôra edificada pelos annos de 1523, e não pelo grande Affonso de Albuquerque, como até agora se julgava, mas por seu filho e universal herdeiro, o auctor classico dos *Commentarios*.

Passemos agora ao segundo quesito, que é:

A casa dos Bicos completou-se, ou foi embargada a obra?

A tradição oral diz que a casa dos Bicos não chegára a concluir-se, sendo embargada a obra por ordem do governo, quando apenas tinha chegado ao primeiro pavimento, ficando nas lojas e sobrelojas como ainda agora se acha.

Nenhum fundamento encontrámos a esta opinião, apesar de presumirmos que este Albuquerque fôra homem muito bulhento e implicadór, pelo que bem podia ser que tivesse suas questões com os senhorios circumvisinhos, quasi todos fidalgos de antiga linhagem, poderosos e de grande valimento com o fraco rei D. João III que então reinava, e de quem o filho de Affonso de Albuquerque se mostra queixoso nos seus *Commentarios*.

Para averiguarmos este ponto, sabendo que tinha havido uma demanda de reivindicação d'esta casa dos Bicos, fomos em busca dos autos, e com effeito os achámos, e n'elles alguns documentos de muita curiosidade, por onde se prova que a casa foi ao cabo.

O mais antigo documento junto aos autos é uma escriptura de doação feita em Lisboa aos 26 dias do mez de outubro de 1649, por D. João Affonso de Albuquerque e sua mulher D. Violante de Tavora, a seu sobrinho Antonio de Albuquerque, commendador das commendas de Santo André do Ervedal e ilha de Porto Santo, na qual escriptura os outorgantes dizem:

«Que dotam e doam ao dito Antonio de Albuquerque seu sobrinho, toda sua fazenda, que possuem pela maneira seguinte, assi para que com ella possa melhor casar com pessoa limpa, que não tenha rassa de Judeo nem Mouro, e para que com isso possa o appellido de Albuquerque conservar-se e hir em augmento, por quanto de todo se vai extinguindo; e o dito Antonio de Albuquerque, seu sobrinho, he só o Albuquerque varão que ha neste reino descendente do grande Affonso de Albuquerque.»

Segue-se a relação de varios bens, e depois:

«E outro sim lhe fazem doação das suas casas da porta do Mar a que chamam dos *Bicos*, na Ribeira, assi e da maneira que as possuem, e que de presente rendem 224$000 réis de antemão, e as pagas 240$000 réis.

«E que tambem ha de ser obrigado o dito seu sobrinho e todos os successores d'este morgado, a trazerem as armas dos Albuquerques sem nenhuma mistura, e que se appellidem de Albuquerque sem nenhum outro appellido.»

Esta doação foi feita 69 annos depois da morte do edificador, e o doador era seu neto. É verdade que elle trazia arrendada a casa dos Bicos, signal de que não a habitava; mas casa que n'aquelle tempo se arrendava por 464$000 réis, devia ser apalaçada e completa. E tanto mais que depois da peste de 1598, que n'aquelle bairro começou (como a febre amarella em 1723 e 1857), e n'elle fez grande mortandade, as rendas das casas desceram alli muito.

No auto de posse, por successão, que d'esta casa tomou, em 1745, Francisco Xavier de Mello Albuquerque Brito Freire, se lhe chama «*casa nobre*, com loja por baixo, onde se vendem bebidas.» O que tudo consta dos mesmos autos.

Pelo terremoto é que naturalmente a casa dos Bicos foi a terra, e ardeu, como quasi todos os grandes edificios circumvisinhos, nomeadamente a casa da Misericordia e a Conceição Velha.

E tanto isto é certo, que em 1775, vinte annos depois d'aquella horrivel catastrophe, achámos nos mesmos autos, que a casa dos Bicos fôra arrendada a um Antonio Affonso de Abreu por 400$000 réis, declarando o arrendamento que eram *armazens e sobrelojas*, tal como ella agora existe.

Temos ainda outro documento indicativo de que esta casa foi acabada, e feita para residencia de seu proprietario, porque lhe poz sobre a porta de entrada o brasão das suas armas. É a obra de Manuel Gomes Bezerra, intitulada: *Estrangeiros no Lima*, curioso investigador de genealogias e armarias, o qual tratando da genealogia e brasão dos Albuquerques, no t. 1, pag. 405, diz o seguinte: «Ha outros Albuquerques chamados de Cantanhede, que são os do grande Affonso de Albuquerque, cujas armas descreve Coelho (Gasco), *affirmando serem estas as que se achavam na casa dos diamantes, á Porta do Mar de Lisboa, que foi do dito Affonso de Albuquerque.*»

As armas são as seguintes:

Escudo esquartelado. No primeiro quartel as quinas de Portugal com seu filete e contrabanda costumada. No segundo, em campo vermelho, cinco flores de liz de ouro em aspa. Timbre um castello com as portas de ouro, e sobre a do meio uma flor das armas.

Nos *Commentarios*, diz Affonso de Albuquerque que os d'este appellido houveram de trazer as armas que D. Affonso Sanches mandára pôr no castello de Albuquerque, com o seguinte letreiro:

«Em nome de Deus seja tudo. Amen. Eu Dom Afonso Sanches, senhor d'este castello D'alboquerque, comecei este lavor, feria quarta, aos quatro dias do mez de agosto da era de 1314, o qual seja para serviço de Deos e de Sancta Maria sua Madre, salvamento de minha alma, crescimento de minha honra e endereçamento de minha fazenda, para que as cousas que a Deos são feitas, todas adiante hão de ir, e as que sem elle são, todas hão de fenecer.

«*E porém prasa a Deus que haja boa gloria o mestre pedreiro que fez este castello.*»

De poder blasonar o seu escudo com o da casa real de França, muito se ufanava o bastardo de Affonso de Albuquerque, o filho da mourisca, porque (escreve elle nos citados *Commentarios*), Affonso Sanches, filho natural de el-rei D. Diniz, houve de sua mulher um filho que se chamou D. João Affonso de Albuquerque, que herdou sua casa e foi *grande senhor* em Castella, e o primeiro que tomou o appellido de Albuquerque. Edificou a torre da menagem da Codiceira, e n'ella poz as suas armas, misturando com as quinas de Portugal as flores de liz, que eram as armas de sua mulher, *que descendia da casa real* de França.

D'esta alliança se fez a seguinte copla heraldica:

Do limpo sangue dos godos,
Do filho del-rei Diniz
E de Theresa Martins,
Vem os Albuquerques todos,
Com quinas e flor de liz.

Tão antigo e contagioso é, que ainda os mais sáfios plebeus e democratas ambicionam e requestam as librés gazis com que se pavoneia a aristocracia!

O Napoleão da Asia portugueza levantou fortalezas em Ormuz, Goa, Malaca, Ceylão; no Egypto, na Ethiopia, na Persia, no Japão, nas Molucas, em Narsinga, em Sião, fez respeitar o poderio e commercio de Portugal. Seu filho fez uma casa em Lisboa e uma quinta em Azeitão. A casa chamou dos *Diamantes*, e á quinta do *Paraiso*. Por estas denominações ostentosas se póde aferir o seu caracter, e a differença do pae ao filho. Verdade seja, que o pago que o rei dera ao pae, justifica o arbitrio que o filho tomou de seguir diverso trilho.

«O favor com que mais se accende o engenho,
Não o dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cubiça e da rudeza»

Disse Camões, ha trezentos annos, e ainda hoje está na mesma!

Voltando porém á nossa historia, é de crer que o filho de Affonso de Albuquerque habitasse e fallecesse na sua casa dos Bicos, porque regressando a Lisboa em 1522 com a armada que foi levar a infanta D. Beatriz a Saboia, nunca mais entrou no serviço militar. Deu-se ás obras da casa dos Bicos, e da famosa quinta do Paraiso, assim como da visinha egreja de S. Simão. Depois d'estas obras feitas, é que tratou naturalmente de escrever os *Commentarios* das façanhas de seu pae, porque a primeira edição tem a data de 1557, trinta e cinco annos depois do seu regresso a Portugal.

Fez segunda edição d'este livro, folio de 600 paginas, em 1576, dedicada tambem a el-rei D. Sebastião, o ingrato que tão mau pago deu a Camões, seu cantor.

Por este tempo tinha-se feito popular, e havia conseguido um pelouro na camara municipal de Lisboa, sendo depois nomeado seu presidente, o primeiro que houve, segundo diz o tombo antigo do archivo da mesma camara, que examinámos.

Quando o duque de Alva entrou em Lisboa (1580), Affonso de Albuquerque pediu a exoneração da presidencia do municipio, allegando que estava muito velho e achacado.

Isto consta do referido tombo.

Tinha então já os seus 80 annos, e falleceu pouco depois.

ANTIGUIDADES NACIONAES

Carta que Lourenço de Caceres, secretario do infante D. Luiz, escreveu a um amigo lettrado, andando na Golegã com um feito seu, estando lá a casa da supplicação.

A seguinte carta inédita é do mestre e depois secretario do infante D. Luiz, filho de el-rei D. Manuel, auctor de um tratado de moral, escripto para doutrinação de seu real discipulo, que vem a t. II das Provas da Hist. Geneal. da Casa Real. Damol-a como documento do estado em que andava a justiça n'aquelle tempo; e mostra de bom estilo de carta familiar, com excellentes maximas, e em linguagem vernacula.

«A Golegã me levou vinte dias, a cabello branco por dia; e lidando sempre, não tenho mais feito que saber ainda que não é aqui o meu feito. Tamanhas torceduras me dá quem quer fazer o que não deve, e póde fazer o que quer!

Não vos escrevi até agora por me parecer n'isso comvosco, e tambem commigo, que até para escrever me aborrecem as lettras; mas faço agora esta por não ir moço meu sem carta minha.

Cá ouvimos mais novas das que lá podeis saber, porque cada estrada é uma cisterna da côrte; não se dá lá voz que não soe cá dobrada: por isso vol-as não peço; tudo quanto se diz hei por velho. Já sou como o philosopho que dizia, que não era nada novo do que podia acontecer, e mais como quem comvosco praticou tudo isto, muito antes que se dissesse. Comtudo eu não quero ser tão certo como F. Praza a Deus que ainda o não seja em tudo, e dê talho e desvio ás coisas como elle soe dar no conselho dos homens. Mas os peccados são grandes e manifestos, e como diz um auctor, Deus, os nossos peccados secretos emenda-os, e os publicos castiga-os. David chama bemaventurados áquelles cujos peccados são encubertos, mas isto é para chaves e não para cartas. Serro o fio por não entrar em vidas alheias e em queixumes vazios; e mais a vós, que ainda que tenhaes uns suspiros de lettras, sois tão isento d'ellas por vossa natureza, como eu ácinte.

Peço a Deus me tire de demandas, me faça bom lavrador e me deixe semear a terra minha com bois meus, para negociar com os campos, que nunca dão de si má resposta, e ir viver em casal longe da côrte, perto dos amigos, em conhecimento de muitos e conversação de poucos; casa farta e não sobeja, mulher contente, filhos sãos, a noite com somno, o dia sem contenda, lograr da vida, lembrar da morte, desejar boas coisas, receber as que vierem; finalmente viver os dias, não lembrar muito do passado, nem pendurar muito pelo que ha de vir.

Tudo isto terá quem quizer conhecer tempos, cortar esperanças, e pôr algum termo á cubiça, mas tira por todos estes o ámanhã. Se acabassemos de intender que ámanhã era tarde, começariamos de viver hoje, porém eu d'isto não tenho mais que o conhecimento, por mór pena de o não fazer. Beije v. m. por mim as mãos a F. que Deus lhe dê primeiro rendas suas que trabalhos alheios. Anno 1533.»

ENIGMA



Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio